

NA EMOCIONANTE SEQUÊNCIA DE DIÁRIO DE UMA PAIXÃO,
UM HOMEM LUTA PARA RECONQUISTAR SEU GRANDE AMOR

Mais de 100 milhões de livros vendidos

NICHOLAS SPARKS

O CASAMENTO





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

*Para Cathy,
que fez de mim o homem mais
sortudo do mundo quando aceitou
ser minha mulher.*

Agradecimentos

— U —

Agradecer é sempre legal
E algo que gosto de fazer.
Mas me desculpem, eu não sou poeta,
E as rimas podem não bater.

Obrigado primeiro a meus filhos,
A quem amo sem exceção:
Miles, Ryan, Landon, Lexie e Savannah são demais
E com eles minha vida é uma constante diversão.

Theresa vive me ajudando e Jamie está sempre presente.
Sorte a minha trabalhar com eles, e espero que seja assim sempre.

Obrigado a Denise, que fez filmes dos meus livros,
A Richard e Howie, que negociaram os acordos,
E a Scotty, que elaborou os contratos.
São todos amigos, não duvidem desse fato.

Obrigado a Larry, chefe e cara legal,
E a Maureen, que não dá bobeira.
Também a Emi, Jennifer e Edna,
Craques em vender livros, todos eles de primeira.

Há outros, também, que fazem dos meus dias
Uma aventura incrível e sensacional.
Então, obrigado a todos os amigos e parentes:
Graças a vocês, minha vida é fenomenal.

Prólogo



Será possível um homem mudar de verdade? Ou será que o temperamento e os hábitos constituem as fronteiras imutáveis de nossa vida?

Estamos em meados de outubro de 2003 e reflito sobre essas questões enquanto observo uma mariposa se chocar furiosamente contra a lâmpada da varanda. Encontro-me sozinho aqui fora. Minha mulher, Jane, está dormindo no andar de cima e nem se mexeu quando saí da cama. Já é tarde – passa da meia-noite – e o ar gelado promete um inverno precoce. Estou usando um pesado robe de algodão e, embora tenha pensado que ele seria grosso o suficiente para me proteger do frio, percebo que minhas mãos estão tremendo antes de enfiá-las nos bolsos.

Acima de mim, as estrelas parecem minúsculos pingos de tinta prateada sobre uma tela cor de carvão. Consigo ver Órion e as Plêiades, a Ursa Maior e a Coroa Boreal, e penso que o fato de estar não apenas olhando as estrelas, mas também fitando o passado, deveria ser inspirador. A luz que faz as constelações brilharem já foi emitida há uma eternidade. Espero que algo me ocorra, como palavras que um poeta poderia usar para iluminar os mistérios da vida. Mas nada acontece.

Não fico surpreso. Nunca me considereei um homem sensível e, se vocês perguntassem à minha mulher, tenho certeza de que ela iria concordar com isso. Não me emociono com filmes nem com peças de teatro, nunca fui sonhador e, se aspiro a algum tipo de domínio pleno, é àquele definido pelas regras do Imposto de Renda e codificado pela lei. A maior parte dos anos em que trabalhei como advogado especializado em direito sucessório foi passada na companhia dos que se preparam para a própria morte, e suponho que há quem ache que por isso minha vida é menos significativa. Mesmo que essas pessoas estejam certas, o que posso fazer?

Inventar justificativas para mim mesmo não é do meu feitio, nunca foi, e no final desta história espero que consigam perdoar essa minha característica.

Por favor, não me levem a mal. Eu posso não ser sensível, mas não sou desprovido por completo de emoção e às vezes me vejo tomado por uma profunda sensação de maravilhamento. Em geral são as coisas mais simples as que eu considero estranhamente comoventes: estar entre as sequoias gigantes da serra Nevada, por exemplo, ou observar as ondas do mar se quebrarem no cabo Hatteras, levantando nuvens salgadas de espuma. Na semana passada, senti um nó na garganta ao ver um menininho estender a mão para segurar a do pai enquanto os dois andavam pela calçada. Há outras coisas, também: às vezes perco a noção do tempo fitando um céu repleto de nuvens varridas pelo vento e, quando ouço uma trovoadá, sempre vou à janela para contemplar o raio. Quando o clarão brilhante acende o céu, muitas vezes me pego invadido por uma espécie de saudade, embora seja incapaz de lhes dizer o que sinto estar faltando na minha vida.

Meu nome é Wilson Lewis, e esta é a história de uma festa de casamento. É também a história do meu casamento, mas, apesar dos 30 anos que Jane e eu já passamos juntos, acho que eu deveria começar admitindo que há quem saiba muito mais sobre o assunto do que eu. Não sou capaz de dar nenhum conselho a respeito disso. Ao longo dessas três décadas, já fui egoísta, teimoso e burro feito uma porta, e admitir isso dói muito. No entanto, ao olhar para trás, penso que, se fiz algo certo na vida, foi amar minha mulher até hoje. Embora algumas pessoas possam pensar que isso não é nada de mais, elas precisam saber que houve uma época em que tive certeza de que minha esposa não sentia o mesmo por mim.

É claro que todos os casamentos passam por altos e baixos: acho que isso é uma consequência natural para casais que decidem permanecer juntos por muito tempo. Jane e eu passamos pela morte dos meus pais e da mãe dela e pela doença de meu sogro. Mudamos de casa quatro vezes e, apesar de eu ter sido bem-sucedido profissionalmente, muitos sacrifícios foram feitos para isso. Temos três filhos e, embora nós dois não fôssemos trocar essa experiência por nada no mundo, as noites insones e as frequentes idas ao hospital quando eles eram pequenos nos deixaram exaustos e muitas vezes sobrecarregados. Nem é preciso dizer que a adolescência dos três foi uma experiência que eu preferiria não ter que repetir.

Todos esses acontecimentos geram seus próprios estresses e quando duas pessoas vivem juntas o estresse é uma via de mão dupla. Acredito hoje que esse fato é ao mesmo tempo a bênção e a maldição do casamento. Bênção porque proporciona uma válvula de escape das dificuldades cotidianas; maldição porque essa válvula de escape é alguém com quem nos importamos profundamente.

Por que estou dizendo isso? Porque quero deixar bem claro que, ao longo de todos esses acontecimentos, eu jamais duvidei dos sentimentos que tenho por minha mulher. É óbvio que houve dias em que nem nos olhávamos à mesa do café da manhã, mas mesmo assim eu nunca deixei de acreditar em nós dois. Seria desonesto dizer que já não me perguntei como seria se houvesse me casado com outra pessoa, mas, em todos os nossos anos juntos, não lamentei nem mesmo uma única vez o fato de tê-la escolhido e de ter sido escolhido por ela também. Pensei que nosso relacionamento fosse estável, mas no final das contas descobri que estava errado. Aprendi isso pouco mais de um ano atrás – 14 meses, para ser exato –, e foi essa consciência, mais do que qualquer coisa, que acarretou tudo o que estava por vir.

Vocês devem estar se perguntando o que aconteceu.

Levando em conta quantos anos eu tenho, seria possível imaginar algum incidente provocado por uma crise de meia-idade. Um súbito desejo de mudar de vida, quem sabe, ou talvez uma infidelidade. Mas não foi nada disso. Não, o meu pecado foi uma transgressão relativamente pequena, um incidente que em outras circunstâncias talvez tivesse virado piada algum tempo depois. Mas ele a magoou, prejudicou nosso casamento e, portanto, é por ele que inicio a minha história.

Era o dia 23 de agosto de 2002. Levantei-me da cama, tomei café e fui para o escritório, como sempre fazia. O trabalho não teve qualquer influência no que aconteceu mais tarde. Para ser sincero, não me lembro de nada sobre esse dia, a não ser que não teve nada de excepcional. Voltei para casa no horário habitual e fiquei agradavelmente surpreso ao ver Jane na cozinha preparando meu prato preferido. Quando ela se virou para me cumprimentar, pensei tê-la visto olhar de relance para baixo, como para verificar se eu estava segurando outra coisa que não minha pasta, mas eu não levava nada. Uma hora depois, jantamos, e, quando Jane começou a recolher a louça da mesa, peguei alguns documentos do trabalho que precisava revisar. Sentei-me no escritório e lia a primeira página quando reparei

nela em pé na soleira da porta. Ela secava as mãos com um pano de prato e estampava no rosto a decepção que eu ao longo dos anos havia aprendido a reconhecer, mesmo que não a compreendesse inteiramente.

– Você não tem nada para me dizer? – começou ela após alguns instantes.

Hesitei, consciente de que havia mais nessa pergunta do que sua aparente inocência indicava. Pensei que ela talvez estivesse se referindo a um corte de cabelo novo, mas olhei-a com atenção e nada nela me parecia diferente. Com a convivência, eu me habituara a reparar nesse tipo de coisa. Continuei sem entender e, enquanto estávamos ali um de frente para o outro, soube que precisava dizer alguma coisa.

– Como foi o seu dia? – perguntei, por fim.

A resposta dela foi um estranho meio sorriso antes de me dar as costas e ir embora.

Hoje, é claro, sei o que ela estava esperando, mas na ocasião dei de ombros e voltei ao trabalho, interpretando aquilo como mais um exemplo dos mistérios femininos.

Mais tarde, eu estava me acomodando na cama quando ouvi Jane dar um único arquejo rápido. Ela estava deitada de costas para mim, e, ao ver que seus ombros tremiam, me dei conta de que ela chorava. Desconcertado, imaginei que Jane fosse me dizer o que a deixara tão chateada, mas, em vez de falar, ela deu outra série de fungadas rascantes, como se tentasse respirar em meio às próprias lágrimas. Senti um nó na garganta e fui ficando assustado. Tentei não ter medo. Tentei não pensar que alguma coisa ruim tivesse acontecido com o pai dela ou com nossos filhos, ou que ela tivesse recebido uma notícia terrível do médico. Tentei não pensar que talvez fosse um problema que eu seria incapaz de resolver e pus a mão em suas costas, esperando reconfortá-la de alguma forma.

– O que houve? – perguntei.

Ela demorou alguns instantes para responder. Ouvi-a suspirar enquanto puxava a coberta até os ombros.

– Feliz aniversário de casamento – sussurrou ela.

Vinte e nove anos, lembrei-me então, tarde demais, e no canto do quarto vi os presentes que ela havia comprado para mim, embrulhados com capricho e dispostos em cima da cômoda.



Eu simplesmente tinha esquecido.

Não posso inventar nenhuma justificativa para isso, nem inventaria se pudesse. De que iria adiantar? Pedi desculpas, é claro, e na manhã seguinte tornei a pedir. E mais tarde, nesse dia, ao abrir o perfume que eu tinha escolhido com esmero, auxiliado por uma jovem vendedora da loja, ela sorriu, agradeceu e afagou minha perna.

Sentado a seu lado no sofá, eu soube que ainda amava Jane tanto quanto no dia de nosso casamento. No entanto, ao olhar para ela, ao reparar pela primeira vez na forma distraída como ela relanceou os olhos para o lado e na postura inegavelmente triste de sua cabeça, de repente percebi que não tinha certeza de que ela ainda me amava.

1

U

É muito doloroso pensar que sua mulher talvez não o ame mais, e nessa noite, depois de Jane subir para o nosso quarto levando seu perfume novo, passei horas sentado no sofá me perguntando como a situação tinha chegado a esse ponto. A princípio, quis acreditar que ela estivesse só reagindo de forma emotiva e que eu estivesse dando ao incidente muito mais importância do que ele merecia. No entanto, quanto mais refletia sobre o assunto, mais podia sentir não apenas o desagrado dela com o cônjuge distraído, mas vestígios de uma melancolia antiga – como se o meu lapso fosse apenas a gota d’água de uma série muito, muito longa de atitudes descuidadas.

Será que o casamento tinha se revelado uma decepção para Jane? Embora eu não quisesse acreditar, sua expressão indicava outra coisa, e pensei no que essa outra coisa poderia significar para o nosso futuro. Será que ela estava questionando o fato de continuarmos juntos? Será que se sentia satisfeita por ter se casado comigo? Devo acrescentar que eram questões assustadoras de considerar – com respostas possivelmente mais assustadoras ainda –, pois até então eu sempre supusera que Jane estivesse tão realizada comigo quanto eu sempre estivera com ela.

O que teria nos levado a sentimentos tão discrepantes em relação um ao outro?

Devo começar dizendo que muita gente talvez considere a nossa vida bastante banal. Como acontece a muitos homens, coube a mim a obrigação de sustentar a família, e minha vida girava em grande parte ao redor do trabalho. Eu tinha passado os últimos 30 anos no escritório de advocacia Ambry, Saxon e Tundle, em New Bern, na Carolina do Norte, e meu salário – embora não fosse nada exorbitante – bastava para nos encaixar na classe média alta. Gosto de jogar golfe e de cuidar do jardim nos fins de

semana, adoro música clássica e leio o jornal todos os dias de manhã. Jane, apesar de já ter atuado como professora do ensino fundamental, passou a maior parte da vida de casada criando nossos três filhos. Ela cuidava da casa e de nossos compromissos sociais, e seus bens mais preciosos são os álbuns de fotos que montou com capricho para construir a história visual de nossas vidas. Moramos em uma típica casa de tijolinhos, com cerca de madeira e regadores automáticos no jardim, temos dois carros e somos sócios do Rotary Club e da Câmara de Comércio. Ao longo da nossa união, poupamos dinheiro para a aposentadoria, construímos no quintal um balanço que ninguém mais usa, comparecemos a dezenas de reuniões de pais e professores, votamos regularmente e contribuímos todos os domingos para a caixinha da igreja episcopal. Tenho 56 anos, três a mais do que a minha mulher.

Apesar do que sinto por Jane, às vezes acho estranho termos passado a vida inteira juntos. Somos diferentes sob quase todos os aspectos e, embora os opostos possam se atrair e de fato se atraíam, sempre tive a sensação de que, de nós dois, quem fez a melhor escolha no dia do casamento fui eu. Afinal de contas, Jane é o tipo de pessoa que eu sonhava ser. Enquanto eu sou sério e racional, ela é extrovertida e amável, dona de uma empatia natural que a torna encantadora. Minha mulher tem o riso fácil e um grande círculo de amizades. Ao longo dos anos, percebi que muitos dos meus amigos na verdade são os maridos das amigas dela, mas acho que isso é comum para a maioria dos casais da nossa idade. No entanto, parece que Jane escolheu todas as nossas amigas pensando em mim, e sou grato por ter sempre com quem conversar nos jantares. Às vezes acho que, se ela não tivesse entrado na minha vida, eu teria acabado vivendo como um monge.

E não é só isso. O fato de Jane demonstrar suas emoções com a espontaneidade de uma criança sempre me encantou. Quando está triste, ela chora; quando está feliz, ri, e aquilo de que minha mulher mais gosta é ser surpreendida por um gesto maravilhoso. Nessas horas ela adquire um ar de inocência perene e, embora uma surpresa seja por definição algo inesperado, para Jane a simples lembrança de um acontecimento feliz é capaz de despertar, durante anos a fio, a mesma sensação de alegria experimentada da primeira vez. Quando a pego sonhando acordada, eu lhe pergunto em que ela está pensando e ela de repente começa a falar, extasiada, sobre algo

de que eu havia muito já tinha me esquecido. Devo dizer que isso até hoje me impressiona.

Ainda que tenha sido abençoada com um coração de ouro, sob muitos aspectos Jane é mais forte do que eu. Como muitas mulheres do sul dos Estados Unidos, seus valores e crenças têm por base Deus e a família. Ela vê o mundo através de um prisma que separa o preto do branco, o certo do errado. Toma decisões difíceis por instinto – e quase sempre está certa –, enquanto eu sempre considero inúmeras alternativas e muitas vezes me arrependo do que escolhi. E, ao contrário de mim, minha mulher raramente sente vergonha de si mesma. Essa falta de preocupação com a opinião alheia exige uma segurança que eu nunca tive, e, entre todas as suas outras qualidades, essa é a que mais invejo.

Imagino que algumas de nossas diferenças sejam resultado da maneira como fomos educados. Enquanto Jane cresceu em uma cidade pequena, com três irmãos e pais amorosos, eu, filho único de um casal de defensores públicos, fui criado em Washington, capital dos Estados Unidos, e meus pais raramente estavam em casa antes das sete da noite. Consequentemente, passava boa parte de meu tempo livre sozinho, e até hoje é na privacidade do meu escritório em nossa casa que mais me sinto à vontade.

Como já disse, nós temos três filhos e, embora eu os ame muito, eles são sobretudo filhos da minha mulher. Foi ela quem os gerou e criou, e é na sua companhia que eles se sentem mais confortáveis. Embora eu às vezes me arrependa de não ter passado tanto tempo quanto deveria com eles, sinto-me reconfortado ao pensar que Jane mais do que compensou essa minha ausência. Parece que nossos filhos se saíram bem, apesar das minhas falhas. Hoje são adultos e já moram sozinhos, mas nós nos consideramos sortudos pelo fato de apenas um deles ter se mudado da Carolina do Norte. Nossas duas filhas ainda nos visitam com frequência, e minha mulher tem o cuidado de encher a geladeira com suas comidas preferidas para o caso de estarem com fome quando vêm à nossa casa, o que parece nunca acontecer. Sempre que elas aparecem, passam horas conversando com Jane.

Anna, de 27 anos, é a mais velha. Seus cabelos pretos e olhos escuros refletem a personalidade taciturna que tinha quando pequena. Era uma menina introspectiva, que passou a adolescência trancada no quarto ouvindo músicas depressivas e escrevendo em seu diário. Nessa época ela era uma desconhecida para mim: passavam-se dias sem que falasse uma única

palavra na minha presença e eu não entendia o que poderia ter feito para causar isso. Tudo o que eu dizia parecia apenas incitá-la a dar suspiros ou a balançar a cabeça, e, quando eu queria saber qual era o problema, ela me encarava como se a pergunta fosse incompreensível. Minha mulher não parecia achar nada de estranho nesse comportamento, que atribuía a uma fase típica que todas as meninas enfrentavam, mas com ela Anna conversava. Certas vezes eu passava pelo quarto da minha filha e ouvia as duas conversando aos cochichos. Quando elas me ouviam do outro lado da porta, porém, os cochichos cessavam. Mais tarde, quando eu perguntava a Jane sobre o que haviam falado, ela dava de ombros e fazia um gesto vago com a mão, como se o seu único objetivo na vida fosse não me revelar nada.

No entanto, por ser a mais velha, Anna sempre fora a minha preferida. Não é uma confissão que eu faria a qualquer um, mas acho que ela também sabe disso, e ultimamente passei a achar que, mesmo nos anos de silêncio, gostava mais de mim do que eu pensava. Ainda me lembro de vezes em que estava examinando testamentos ou outros documentos jurídicos no escritório de casa e ela entrava. Ficava andando pelo cômodo, espiando as prateleiras e pegando vários livros, mas, se eu falasse alguma coisa, ela saía tão silenciosamente quanto havia chegado. Com o tempo, aprendi a não dizer nada e ela às vezes passava uma hora inteira lá comigo, vendo-me tomar notas em meus bloquinhos amarelos. Se eu a olhava de relance, ela me dava um sorriso cúmplice, saboreando aquele joguinho. Não o entendo hoje mais do que na época, mas essa brincadeira está gravada na minha memória como poucas outras imagens.

Anna atualmente trabalha para o jornal *Raleigh News and Observer*, mas acho que sonha em escrever romances. Na faculdade, ela se especializou em criação literária e as histórias que escrevia eram tão sombrias quanto a sua personalidade. Lembro-me de uma na qual uma jovem se prostituía para cuidar do pai doente, um homem que havia abusado dela. Quando acabei de ler, perguntei-me como deveria interpretar aquilo.

Minha filha também é uma mulher loucamente apaixonada. Sempre cuidadosa e decidida nas próprias escolhas, Anna é muito seletiva quando se trata de relacionamentos amorosos e felizmente Keith me parece ser um homem que a trata bem. Ele pretende ser ortopedista e demonstra uma segurança que só quem teve poucas decepções na vida é capaz de exhibir. Jane me contou que, no primeiro encontro dos dois, Keith levou Anna

para soltar pipa em uma praia perto de Fort Macon. Mais tarde na mesma semana, quando Anna o levou à nossa casa, ele apareceu de blazer, de banho recém-tomado e com um cheiro suave de água-de-colônia. Quando apertamos as mãos, ele sustentou meu olhar e me impressionou dizendo: “Prazer em conhecê-lo, Sr. Lewis.”

Joseph, nosso filho do meio, é um ano mais novo do que Anna. Embora mais ninguém na nossa família costumasse chamar o pai de “papai” depois de adulto, era assim que ele continuava me tratando. Como também acontece com Anna, nós temos pouco em comum. Ele é mais alto e mais magro do que eu, usa calça jeans na maioria dos eventos sociais e, quando vem nos visitar no dia de Ação de Graças ou no Natal, só come vegetais. Quando ele era mais jovem, eu o considerava calado, mas a sua reticência, assim como a de Anna, parecia direcionada a mim em especial. As pessoas muitas vezes comentavam sobre o seu senso de humor, ainda que, para ser sincero, eu raramente tenha percebido que meu filho era bem-humorado. Quando estávamos juntos, eu quase sempre sentia que ele estava tentando formar uma opinião a meu respeito.

A exemplo de Jane, Joseph sempre teve empatia com as pessoas, mesmo quando criança. Roía as unhas de tanto se preocupar com os outros e desde os 5 anos de idade seus dedos eram só sabugos. Nem é preciso dizer que, quando sugeri que pensasse em estudar administração ou economia, ele ignorou meu conselho e optou por sociologia. Hoje trabalha em um abrigo para mulheres vítimas de violência física em Nova York, embora não nos fale muito sobre sua vida profissional. Sei que ele questiona as escolhas que fiz, da mesma forma como eu questiono as dele, mas, apesar das diferenças, é com Joseph que tenho as conversas que sempre quis ter com meus filhos quando os segurei no colo ainda bebês. Ele é muito inteligente: praticamente gabaritou as provas de conclusão do ensino médio e seus interesses vão da história da submissão dos não muçulmanos ao islã no Oriente Médio às aplicações teóricas da geometria dos fractais. Também é um rapaz sincero – às vezes, dolorosamente sincero – e é desnecessário dizer que esses aspectos de sua personalidade me deixam em desvantagem em qualquer discussão. Sua teimosia em certas ocasiões me deixa frustrado, e é nessas horas que tenho mais orgulho em chamá-lo de filho.

Leslie, nossa caçula, estuda biologia e fisiologia na Universidade de Wake Forest e quer ser veterinária. Em vez de passar os verões em casa,

como a maioria dos universitários, cursa disciplinas extras para se formar mais cedo e passa as tardes trabalhando em um lugar chamado Fazenda dos Bichos. É a mais sociável de nossos três filhos e tem uma risada igualzinha à de Jane. Como a irmã, Leslie também gostava de me visitar no meu escritório em casa, embora ficasse mais contente quando eu lhe dedicava atenção total. Quando era pequena, gostava de se sentar no meu colo e puxar minhas orelhas; mais velha, passou a entrar lá para contar piadas. Minhas estantes estão abarrotadas com os presentes que ela fez para mim na infância: moldes em gesso da sua mão, desenhos de lápis de cera, um colar feito de macarrão. Sempre foi, dos três, a mais fácil de amar, sempre a primeira na fila dos abraços e beijos dos avós, e gostava muito de se aninhar no sofá para assistir a filmes românticos. Não fiquei surpreso quando, três anos atrás, ela foi escolhida rainha do seu baile de formatura no colégio.

Além disso, Leslie é uma pessoa bondosa. Para ninguém ficar magoado, todos os alunos da sua turma eram sempre convidados para suas festas de aniversário, e certa vez, quando tinha 9 anos, ela passou uma tarde inteira na praia falando com todas as pessoas porque tinha encontrado um relógio na beira do mar e queria devolvê-lo. De todos os meus filhos, sempre foi a que menos me preocupou e, quando vem nos visitar, eu paro tudo o que esteja fazendo para ficar com ela. Sua energia é contagiante e, sempre que estamos juntos, pergunto-me como pude ser tão abençoado.

Agora que nenhum deles mora mais conosco, nossa casa mudou. Onde antes havia música resta apenas silêncio; enquanto antigamente nossa despensa costumava conter oito tipos diferentes de cereal coberto de açúcar, hoje há apenas uma única marca com alto teor de fibras. Nos quartos que nossos filhos ocupavam, os móveis continuam os mesmos, mas como os pôsteres e os quadros de cortiça foram retirados – assim como outras expressões da personalidade de cada um – nada mais distingue os cômodos uns dos outros. O que parece dominar a casa atualmente é seu caráter vazio: ela era perfeita para uma família de cinco pessoas, mas de repente passou a me parecer uma sinistra recordação da forma como as coisas deveriam ser. Lembro-me de desejar que essa mudança pudesse de alguma forma explicar o astral de Jane.

Fosse qual fosse o motivo, porém, eu não podia negar que estávamos nos afastando, e quanto mais pensava nisso, mais percebia como a distância

entre nós dois tinha se alargado. Havíamos começado como um casal e em seguida nos transformamos em pais – algo que eu sempre considerara normal e inevitável –, mas agora, 29 anos depois, era como se tivéssemos nos tornado novamente dois desconhecidos. Apenas o hábito parecia nos manter unidos. Nossas vidas tinham pouca coisa em comum: acordávamos em horas diferentes, passávamos o dia em lugares diferentes e à noite seguíamos nossa própria rotina. Eu pouco sabia das atividades diurnas dela e confesso que também guardava segredo sobre parte das minhas. Não conseguia me lembrar da última vez que Jane e eu tínhamos nos falado de forma espontânea.

Entretanto, duas semanas depois de eu ter esquecido nosso aniversário de casamento, foi justamente isso que fizemos.

– Wilson – disse ela –, precisamos conversar.

Ergui os olhos para Jane. Sobre a mesa entre nós dois havia uma garrafa de vinho e já tínhamos quase acabado de jantar.

– Ah, é?

– Eu estava pensando em ir a Nova York passar um tempo com Joseph – informou ela.

– Ele não vem passar o fim de ano aqui?

– Ainda faltam dois meses. E, como ele não veio no verão, achei que seria bom ir visitá-lo, para variar.

Pensei com meus botões que uma viagem de alguns dias poderia nos fazer bem. Talvez, fosse esse, inclusive, o motivo da sugestão de Jane. Com um sorriso, estendi a mão para minha taça de vinho.

– Boa ideia – concordei. – Não vamos a Nova York desde que ele se mudou para lá.

Jane deu um sorriso passageiro antes de baixar os olhos para o prato.

– Tem mais uma coisa.

– O quê?

– Bom, é que eu sei como você anda ocupado no trabalho e como é difícil para você conseguir viajar.

– Acho que posso liberar minha agenda por uns dias – falei, já folheando mentalmente o calendário. Seria difícil, mas eu daria um jeito. – Quando você quer ir?

– Bom, é que... – disse ela.

– É que o quê?

– Wilson, por favor, me deixe terminar – continuou ela. Então respirou fundo e quando falou sequer tentou esconder o cansaço no tom de voz. – O que eu estava tentando dizer era que gostaria de ir visitar Joseph sozinha, sem você.

Passei alguns instantes sem saber o que dizer.

– Você ficou chateado, não ficou? – indagou ela.

– Não – respondi depressa. – Ele é nosso filho. Como eu poderia ficar chateado com isso? – Para enfatizar minha tranquilidade, cortei mais um pedaço de carne. – Quando você está pensando em ir? – perguntei.

– Semana que vem – respondeu ela. – Na quinta-feira.

– Quinta-feira?

– Já comprei a passagem.

Embora ainda não tivesse terminado de jantar, Jane se levantou e foi até a cozinha. Pelo jeito como evitou me encarar, desconfiei que tivesse mais alguma coisa a dizer, mas que não soubesse muito bem como formular. Fiquei sozinho à mesa. Se me virasse, poderia vê-la de perfil, em pé junto à pia.

– Vai ser divertido – falei, com um tom que torci para que soasse casual. – E sei que Joseph também vai gostar. Talvez haja alguma exposição ou outro espetáculo enquanto você estiver lá.

– Talvez – escutei-a dizer. – Acho que vai depender da agenda dele.

Ao ouvir a torneira se abrir, levantei-me da cadeira e levei minha louça para a pia. Jane não disse nada quando me aproximei.

– Vai ser um fim de semana incrível – falei.

Ela estendeu a mão para pegar meu prato e começou a lavá-lo.

– Ah, sobre isso ... – começou ela.

– Sim?

– Eu estava pensando em passar mais do que o final de semana.

Ao ouvir isso, senti meus ombros se retesarem.

– Quanto tempo está planejando ficar? – perguntei.

Jane pôs meu prato no escorredor.

– Umas duas semanas – respondeu.



É claro que eu não culpava Jane pelo rumo que nosso casamento parecia ter tomado. De alguma forma, sabia que grande parte da responsabilidade era

minha, mesmo que ainda não tivesse entendido totalmente como nem por quê. Para começar, devo admitir que nunca fui de fato a pessoa que minha mulher queria que eu fosse, nem mesmo no início do nosso casamento. Sei, por exemplo, que ela gostaria que eu fosse mais romântico, como seu pai tinha sido com sua mãe. Ele era o tipo de homem que ficava segurando a mão da esposa depois do jantar e que comprava espontaneamente um buquê de flores-do-campo no caminho do trabalho para casa. Mesmo quando ainda era criança, Jane já tinha verdadeiro fascínio pelo romantismo do casamento dos pais. Ao longo dos anos, eu a tinha ouvido falar ao telefone com a irmã, Kate, e se perguntar em voz alta por que eu parecia considerar o romantismo um conceito tão complexo. Não é que eu não tenha tentado: eu simplesmente pareço não compreender o que faz o coração de outra pessoa bater mais depressa. Na casa em que fui criado, abraços e beijos não eram frequentes e demonstrações de afeto entre mim e Jane muitas vezes me deixavam pouco à vontade, sobretudo na frente dos nossos filhos. Certa vez conversei sobre isso com meu sogro e ele sugeriu que eu escrevesse uma carta para ela. “Diga que a ama”, aconselhou ele, “e cite motivos específicos.” Isso foi há 12 anos. Lembro-me de tentar seguir sua sugestão, mas, com a mão suspensa acima do papel, não consegui encontrar as palavras certas. No final das contas, acabei desistindo. Ao contrário do pai de Jane, nunca me senti confortável ao falar sobre sentimentos. Sou um homem firme, sim. Confiável, sem dúvida. Fiel, totalmente. Mas devo admitir que o romantismo para mim é tão desconhecido quanto o ato de dar à luz.

Às vezes me pergunto quantos homens por aí são iguaizinhos a mim.



Quando Jane estava em Nova York e eu liguei para lá, quem atendeu foi Joseph.

– E aí, papai? – disse ele apenas.

– Oi – falei. – Tudo bem?

– Tudo – respondeu ele. Após o que me pareceu um longo e sofrido intervalo, ele completou. – E você?

Transferi o peso do corpo de uma perna para a outra.

– Está tudo bastante silencioso por aqui, mas estou bem. – Fiz uma pausa. – Como está indo a visita da sua mãe?

– Bem. E a tenho mantido ocupada.

– Compras e atrações turísticas?

– Um pouco. Mas o que mais temos feito é conversar. Está sendo interessante.

Hesitei. Embora me perguntasse o que ele estava querendo dizer, Joseph não parecia achar necessário entrar em detalhes.

– Ah – comentei, fazendo o possível para manter a voz casual. – Ela está por aí?

– Na verdade, não. Deu um pulinho no mercado. Mas deve voltar daqui a pouco, se você quiser ligar de novo.

– Não, tudo bem – falei. – Só diga a ela que eu liguei. Devo estar em casa à noite, se ela quiser falar comigo.

– Pode deixar – disse ele. Demorou alguns instantes para tornar a falar.

– Papai? Eu queria perguntar uma coisa.

– O quê?

– Você esqueceu mesmo o aniversário de casamento de vocês?

Respirei fundo.

– Esqueci – respondi.

– Como é possível?

– Não sei – falei. – Lembrei que estava para chegar, mas no dia simplesmente deixei passar. Não tenho desculpa.

– Ela ficou magoada – disse meu filho.

– Eu sei.

Houve um instante de silêncio do outro lado da linha.

– Você entende por quê? – perguntou ele por fim.



Apesar de não ter respondido à pergunta de Joseph, eu achava que entendia.

Jane simplesmente não queria que terminássemos como um daqueles casais de certa idade que às vezes víamos quando íamos jantar fora e que sempre nos despertaram pena.

Devo deixar claro que esses casais em geral se tratam com educação. O marido pode puxar a cadeira ou tirar o casaco da mulher, ela pode sugerir um dos pratos do dia. E, quando o garçom aparece, eles podem completar os pedidos um do outro com a experiência acumulada ao longo de

toda uma vida – nada de sal nos ovos, por exemplo, ou mais manteiga na torrada.

Depois que o pedido é feito, porém, os dois não dirigem mais a palavra um ao outro. Ficam tomando golinhas de suas bebidas e olhando pela janela, aguardando em silêncio a comida chegar. Quando os pedidos vêm, podem até trocar algumas palavras com o garçom – para pedir mais café, por exemplo –, mas, assim que ele vai embora, recolhem-se outra vez a seus próprios mundinhos. Passarão a refeição inteira sentados como dois desconhecidos que por acaso estejam dividindo uma mesa, como se julgassem que aproveitar a companhia um do outro exige mais esforço do que vale a pena despendê-lo.

Talvez eu esteja exagerando ao pensar que a vida desses casais é realmente assim, mas de vez em quando eu me perguntava o que os teria feito chegar a esse ponto.

Enquanto Jane estava em Nova York, porém, ocorreu-me de repente que podia ser que nós também estivéssemos caminhando para isso.



Quando fui buscar Jane no aeroporto, lembro que me senti estranhamente nervoso. Era uma sensação esquisita e me senti aliviado ao ver um sorriso atravessar o rosto de minha mulher quando ela cruzou o portão de saída e veio na minha direção. Quando se aproximou, estendi o braço para pegar sua mala de mão.

– Como foi a viagem? – perguntei.

– Boa – respondeu ela. – Não entendo por que Joseph gosta tanto de morar naquela cidade. É tudo tão agitado, tão barulhento o tempo todo... Eu não conseguiria.

– Então está feliz em voltar para casa?

– Estou – respondeu ela. – Estou, sim. Feliz mas cansada.

– Imagino. Viajar sempre cansa.

Ambos ficamos alguns instantes sem dizer nada. Passei sua mala de mão para o outro braço.

– Como está Joseph? – perguntei.

– Bem. Acho que engordou um pouco desde a última vez em que esteve aqui.

- Alguma novidade em relação a ele que você não tenha dito ao telefone?
- Na verdade, não – falou ela. – Ele trabalha demais, mas é só isso.

Detectei certa tristeza em sua voz, algo que não entendi muito bem. Enquanto pensava no assunto, vi um jovem casal enlaçado, abraçando-se como se houvesse muitos anos que não se viam.

- Estou feliz por você ter voltado – falei.

Ela me olhou de relance, sustentou meu olhar e então se virou lentamente para a esteira de bagagem.

- Eu sei que está.



Era nesse pé que as coisas estavam um ano atrás.

Eu adoraria dizer que tudo melhorou logo nas semanas que se seguiram à temporada de Jane em Nova York, mas não foi assim. Pelo contrário, nossa vida continuou como antes: seguimos cumprindo nossas rotinas em separado, e os dias se sucediam sem nada digno de nota. Jane não estava exatamente brava comigo, mas tampouco parecia feliz e, por mais que eu tentasse, não sabia o que fazer para contornar essa situação. Um muro de indiferença parecia ter se erguido entre nós sem que eu percebesse. No final do outono, três meses depois de esquecer nossos 29 anos de casados, eu estava tão preocupado com nossa relação que sabia que tinha de falar com meu sogro.

O pai de Jane se chama Noah Calhoun e, se vocês o conhecessem, saberiam por que fui visitá-lo. Ele e a mulher, Allie, se mudaram para a casa de repouso de Creekside quando completaram 46 anos de casados, quase 11 anos antes. Embora antes eles dividissem a cama, agora Noah dormia sozinho, e não fiquei surpreso ao ver que ele não estava no quarto. Na maioria das vezes em que ia visitá-lo, encontrava-o sentado em um banco junto ao lago, e lembro que fui até a janela para me certificar de que ele estava lá.

Mesmo de longe, foi fácil reconhecê-lo: os tufos de cabelos brancos esvoaçando de leve ao vento, a postura curvada, o cardigã azul-claro que Kate tinha tricotado para ele não havia muito tempo. Viúvo, Noah tinha 87 anos, as mãos deformadas pela artrite e uma saúde frágil. Carregava sempre no bolso um vidrinho de comprimidos de nitroglicerina e sofria de câncer na próstata, mas o que mais preocupava os médicos era seu estado

mental. Alguns anos antes, Jane e eu tínhamos sido chamados à casa de repouso e fomos recebidos com uma expressão preocupada. Disseram que Noah estava tendo alucinações, que elas pareciam estar se agravando. Eu não tinha tanta certeza assim. Pensava conhecê-lo melhor do que a maioria das pessoas, e sem dúvida mais do que os médicos. Com exceção de Jane, ele era o meu melhor amigo e sempre que eu via sua silhueta solitária ficava comovido ao pensar em tudo o que ele havia perdido.

O casamento de Noah chegara ao fim cinco anos antes, mas os cínicos diriam que foi muito antes disso. Nos últimos anos de vida, Allie teve mal de Alzheimer, doença que eu passara a considerar algo intrinsecamente ruim. Ela é um lento esfacelamento de tudo o que uma pessoa já foi. Afinal, o que somos nós sem nossas lembranças, nossos sonhos? Ver o avanço do quadro era como assistir em câmera lenta ao filme de uma tragédia inevitável. Achávamos difícil visitar Allie: Jane queria se lembrar da mãe como ela tinha sido, e eu nunca a forçava a ir, pois aquilo também era doloroso para mim. No entanto, ninguém sofria mais do que Noah.

Mas essa é outra história.

Saí do quarto do meu sogro e segui para o jardim. Estava fresco lá fora, mesmo para uma manhã de outono. As folhas brilhavam sob o sol oblíquo e o ar recendia a fumaça de chaminé. Lembrei que essa era a época do ano preferida de Allie e pude sentir a solidão de Noah enquanto me aproximava. Como sempre, ele estava dando comida ao cisne e, quando cheguei ao seu lado, pus uma sacola de mercado no chão. Lá dentro havia três pacotes de pão de forma. Ele sempre me pedia para comprar a mesma coisa quando eu ia visitá-lo.

– Olá, Noah – falei. Sabia que poderia chamá-lo de “pai”, como Jane costumava fazer com o meu, mas nunca me sentira à vontade com isso e Noah nunca parecera ligar.

Ao ouvir minha voz, ele virou a cabeça.

– Oi, Wilson – disse ele. – Obrigado por ter vindo.

Coloquei a mão em seu ombro.

– Como você está?

– Poderia estar melhor – respondeu ele. Então, com um sorriso maroto, completou: – Mas também poderia estar pior.

Eram as palavras que sempre trocávamos ao nos cumprimentarmos. Ele deu uns tapinhas no banco e me sentei junto dele. Fiquei olhando para a

água. Folhas caídas das árvores flutuavam na superfície e o lago parecia um caleidoscópio, que também refletia o céu sem nuvens.

– Vim aqui fazer uma pergunta – falei.

– Pois não? – Enquanto falava, Noah partiu um pedaço de pão e o jogou dentro d'água. O cisne inclinou a cabeça em direção à comida e esticou o pescoço para pegá-la.

– É sobre Jane – continuei.

– Jane – repetiu ele com um murmúrio. – Como ela está?

– Bem. – Balancei a cabeça e me remexi no lugar, pouco à vontade. – Acho que ela vem mais tarde. – Era verdade. Nos últimos anos, nós visitávamos Noah com frequência, às vezes juntos, às vezes separados. Perguntei-me se eles falavam sobre mim na minha ausência.

– E os meninos?

– Bem, também. Anna agora está escrevendo matérias especiais, e Joseph finalmente encontrou um apartamento novo. Acho que fica no Queens, mas é bem pertinho do metrô. Leslie foi passar o fim de semana acampando com amigos na montanha. Ela disse que arrasou nas provas semestrais.

Sem desgrudar os olhos do cisne, ele assentiu.

– Que sorte a sua, Wilson – disse ele. – Espero que saiba como é privilegiado por seus filhos terem se tornado adultos assim tão maravilhosos.

– Eu sei – respondi.

Nós nos calamos. De perto, as rugas do rosto de Noah formavam vincos, e pude ver as veias pulsando por baixo da pele cada vez mais fina de suas mãos. Atrás de nós, o jardim estava vazio – ninguém queria sair, por causa do frio.

– Esqueci nosso aniversário de casamento – falei.

– Ah, é?

– Vinte e nove anos – acrescentei.

– Hmm.

Pude ouvir as folhas secas estalarem com a brisa.

– Estou preocupado com a gente – reconheci por fim.

Noah me olhou de relance. No início, pensei que fosse perguntar por que eu estava preocupado, mas em vez disso ele estreitou os olhos para tentar ler minha expressão. Então, virando-se para o outro lado, atirou mais um pedaço de pão para o cisne. Quando falou, sua voz saiu baixa e grave, um baritono envelhecido temperado com o sotaque do sul.

– Você se lembra de quando Allie ficou doente? De quando eu costumava ler para ela?

– Sim – respondi, sentindo a lembrança surgir na minha mente. Ele costumava ler para ela trechos de um caderno que tinha escrito antes de os dois se mudarem para Creekside. Os textos contavam a história de como eles haviam se apaixonado e às vezes, apesar da destruição provocada pelo Alzheimer, ela recobrava a lucidez por um instante depois de ouvi-lo. Isso nunca durava muito – e quando a doença se tornou mais grave, parou de acontecer –, mas, quando ocorria, a melhora de Allie era suficientemente importante para que especialistas de outros lugares fossem a Creekside, na esperança de compreender como aquilo podia acontecer. Não havia dúvida de que ler para Allie funcionava em algumas ocasiões. Por que funcionava, porém, era algo que os experts nunca tinham conseguido esclarecer.

– Sabe por que eu fazia isso? – indagou Noah.

Pousei minhas mãos no colo.

– Acho que sim – respondi. – Porque ajudava Allie. E porque ela fez você prometer que o faria.

– Sim, é verdade – disse ele. Fez uma pausa e pude ouvir o chiado de sua respiração, como o ar passando por uma sanfona velha. – Mas não foi só isso. Era também por minha causa. Muita gente não entende.

Embora ele não tenha continuado, eu sabia que não havia terminado de falar e fiquei quieto. No silêncio do lago, o cisne parou de nadar em círculos e chegou mais perto. A não ser por uma manchinha preta do tamanho de uma moeda grande em seu peito, ele era todo branco. Quando Noah retomou a palavra, ele pareceu ficar flutuando no mesmo lugar.

– Sabe o que eu mais lembro dos bons tempos? – perguntou ele.

Eu sabia que ele estava se referindo à época em que Allie ainda o reconhecia e balancei a cabeça.

– Não – falei.

– De me apaixonar – disse ele. – É disso que mais me lembro. Nos dias bons de Allie, era como se estivéssemos começando tudo outra vez.

Ele sorriu.

– Foi isso que eu quis dizer quando falei que fazia aquilo por mim. Sempre que eu lia para ela, era como se a estivesse cortejando, porque às vezes, só às vezes, ela se apaixonava por mim de novo, como tinha se apaixonado tanto tempo antes. E essa é a sensação mais maravilhosa do mundo. Quan-

tas pessoas têm essa oportunidade? De que alguém que amam se apaixone por elas várias vezes?

Noah não parecia esperar uma resposta e não dei nenhuma.

Passamos a hora seguinte conversando sobre os netos e sobre a saúde dele. Não tornamos a falar de Jane nem de Allie. Depois que fui embora, porém, fiquei pensando no nosso encontro. Apesar das preocupações dos médicos, a mente de Noah parecia mais afiada do que nunca: percebi que ele não apenas já sabia que eu iria vê-lo, como também adivinhara o motivo da minha visita. E, à moda típica dos sulistas, tinha dado a solução para o meu problema sem eu sequer ter de perguntar diretamente.

Foi então que eu soube o que tinha de fazer.